

Resumo: O presente trabalho procura explorar as complexas interações entre darwinismo, fisiologia experimental e antivivisseccionismo na Inglaterra vitoriana. Como principais personagens encarregadas de conduzir essa narrativa foram eleitos Charles Darwin e a antivivisseccionista Frances Power Cobbe, mas vários darwinistas, fisiologistas e antivivisseccionistas também aparecem nas páginas dessa tese. Outra importante personagem desse estudo é o cão, animal de *status* privilegiado na Inglaterra, mas que ainda assim foi usado abundantemente nos laboratórios fisiológicos, e procuro explorar as implicações da presença desse animal na mesa de vivissecação. Os eixos temáticos nos quais meu estudo se apoiou foram: 1) a tese darwiniana da origem comum e consequente relação de continuidade mental entre animais e humanos, e as implicações éticas dessa teoria; 2) o problema da dor física e do sofrimento emocional na Inglaterra vitoriana e sua abordagem por Darwin e Cobbe; 3) a noção de crueldade, e sua associação à prática de vivissecação; 4) a faculdade da simpatia, e a noção darwiniana de uma “simpatia para além dos confins do homem”, relacionada ao conceito atual de comunidade moral. Explorando o contexto sócio-cultural e a produção de discursos favoráveis e contrários à experimentação animal do período, realizei também uma incursão nas estratégias retóricas de autodefinição e definição do adversário pelas duas partes em contenda, incluindo as formas como era retratado o laboratório fisiológico. A polarização entre selvagem e domesticado/civilizado foi também um questão importante na controvérsia sobre a legitimação da vivissecação na Inglaterra vitoriana, e procuro demonstrar que o emprego do cão como animal experimental era considerado também uma profanação dos afetos e virtudes domésticos. Considero que talvez a questão mais importante que informava as críticas de Cobbe e demais antivivisseccionistas à experimentação animal seja a temática da *sensibilidade*. O cão era considerado então, especialmente na Inglaterra, o mais sensível e emocionalmente complexo de todos os animais não-humanos, e a teoria darwiniana só vinha a confirmar e reforçar essa ideia, fornecendo fundamentos teóricos que a substanciavam. Nessa chave de compreensão o darwinismo era retratado como protótipo desse espírito científico, e o apoio de Darwin e da maioria dos darwinistas às plataformas políticas dos praticantes da fisiologia experimental eram considerados agravantes especiais. Proponho como uma tentativa de explicação para esse aparente paradoxo da postura dos darwinistas em relação à vivissecação uma exploração das diferenças entre duas teoria de Darwin: a da origem comum e a da seleção natural, e procuro demonstrar que essas duas ii noções apontam para caminhos éticos antagônicos: a primeira para a expansão progressiva da esfera de consideração moral humana, de modo a abarcar também os animais; a última, para o estreitamento dessa esfera de consideração moral. Foi em resposta às implicações éticas e aplicações políticas desse segundo aspecto do evolucionismo de Darwin, relacionado à ideia de ‘sobrevivência do mais apto’, que Frances Cobbe se insurgiu, descrevendo a vivissecação como um “ultraje aos afetos” entre cães e homens.